Funcionário 10

1. **Identificação pessoal e profissional**
2. Masculino
3. 54anos
4. 4º ano
5. Assistente operacional
6. 16 anos que exerce funções
7. Pertence à DHLP (Divisão de higiene e limpeza publica)
8. Contrato a tempo indeterminado
9. Não tem familiares sob a responsabilidade

**Entrevistador** – Quais os motivos que o levam a faltar ao serviço?

**Funcionário** – Eu, eu nestes 16 anos que cá estou tive um mês de baixa, apareceu-me uma dor numa anca e eu por acaso fui a alter do chão à do velhote e ele curou-me. E de resto não tenho faltas nenhumas, eu trabalho, não sou coiso de por baixa. Epa não vale a pena, ou a gente está doente ou não está. Eu cá para mim isso, eu faltar ao trabalho, nunca. Até hoje, nestes 16 ano tive esse mês de baixa

**Entrevistador** – Então o único motivo que o levou a faltar ao serviço foi a doença?

**Funcionário** – Foi só esse. Só, graças a Deus. Foi esta dor, apareceu-me aqui Andava aí cinco ou seis metros e tinha-me que me assentar.

**Entrevistador** – Mas essa lesão não teve a ver com o trabalho, ou teve?

**Funcionário** – Não, nadinha. Não foi nada de esforço, não me lembro de ter feito esforço, não sei como é que aquela dor me apareceu.

**Entrevistador** – E como é que classifica as pessoas que faltam sem justificação?

**Funcionário** – Muitas vezes é as pessoas que não querem trabalhar. Ou encharcam-se de noite, ou ao fim-de-semana e na segunda feira não vêem. Mas essa gente se cá aparecerem não dizem, não vão dizer “eu falto quando eu quiser” ou “faço quando eu quiser”. Ninguém tem nada a dizer porque ninguém vai dizer isso. Eu sei de pessoas, eu tenho aí um moço que entrou quando eu para cá a 16 anos, se ele cá tiver dois anos de trabalho é muito.

**Entrevistador** – Mas ele mete sempre baixas?

**Funcionário** – É baixas, não sei como é que, não sei também como é que os médicos aceitam isso, não, ou têm que ter grandes cunhas ou os médicos, não sei, eu também acho essas baixas, epa não quero recriminar ninguém, a gente sabe, a gente conhece, trabalham lá com a gente, lá no meu sector há meia dúzia deles que passam bem ao parente não é, e tão a fazer falta ao serviço. Por causa desses castigam-se outros. Olhe eu tenho sido bastante castigado cá nisso, falta um Sarmento vem cá

**Entrevistador** – Tem que substituir não é? E isso gera algum conflito?

**Funcionário** – Mas ao fim do mês eu digo-lhes assim “este mês tirei de ordenado à volta de 1000€” e eles “epa tiraste tanto” mas não dizem assim “ouve lá não ta lembras aquele dia que não apareceste, tive que ir lá fazer o teu serviço

**Entrevistador** – O senhor tem de fazer horas extras por causa desses não é?

**Funcionário** – Se faltar um tem de haver alguém que vá para um carro, não anda um homem sozinho a puxar um contentor, tem de ser dois, aquilo têm de ser dois. E não é só nisso, é noutras coisas mais, isso aparece isso. Agora quando há a queima das fitas dizem, ouve pegas aí num carrinho atrás deles para apanhares os copos que eles aventam para o chão ou garrafas ou peças de lata, aventam-nas para o chão, eles têm naí as ruas para passar quando é o desfile, sabe isso que é assim, andam aí, aventam as latas, embebedam-se. Isso não levo a mal é um dia de festa, para eles é um dia de festa e fazem isso. Depois quem é que vai, tenho que ir eu, a malta da câmara com o carrinho atrás para apanhar os copos que eles aventam, é garrafas de lata ou os copos de plástico e a gente vamos atrás deles e apanhamos e pronto fica a cidade limpa.

**Entrevistador** – O senhor muitas vezes sente-se desmotivado por estar a limpar e ver ali um grupinho a fazer “porcaria”

**Funcionário** – a gente tem ali o bairro da cruz da picada aquilo ali ao fim de meia hora da gente lá passar, se for lá a ver já há papéis naquele chão. Se não passar lá todos os meses ou durante um mês aquilo faz de conta que é uma lixeira autentica. As pessoas não têm cuidado, aquilo é tipo ciganada e tal é ainda pior, é ainda pior, não têm respeito por ninguém.

**Entrevistador** – É o pior local de trabalho para si?

**Funcionário** – Para mim é. É o sitio pior, é o sitio pior. No sector de lixeira não há nenhum bairro como aquele. A gente sabe onde há arvores cai a folha tem de se limpar não é, chega a altura dela cair tem que se limpar. Agora a coisa pior é a gente abalar e voltar e já estar tudo outra vez na mesma. E depois muitas vezes dizem assim: ah já há um mês ou dois que aqui não passaram.

**Entrevistador** – Por acaso penso que o vosso trabalho devia ser mais valorizado do que é…

**Funcionário** – Pois e mais bem pago. E mais a gente chega a um ponto que ninguém precisa de dizer nada, já sabemos o trabalho que temos por fazer e eles ali dão-me valor e dizem assim o Sarmento a gente pode entregar o trabalho que sabemos que ele vai para lá, se levar duas ou três pessoas deixa que eles sabem como gerir o trabalho. Já tou habituado, já são muitos anos de tarifa e isso pronto, a rotina do trabalho vamos andando

**Entrevistador** – E então relativamente à baixa médica, aqueles indivíduos que recorrem ao trabalho sem estarem doentes, quais é que são os motivos que mais aponta?

**Funcionário** – É não gostarem do trabalho e muitas vezes não querem, para mudarem de sector de um lado para outro e outros, mas eles para mudarem de sector falham à mesma. A contarem com eles e eles não aparecem, é difícil essa gente mudar de sector não é?

**Entrevistador** – A outra questão que tenho para lhe perguntar é se gosta do que faz

**Funcionário** – Gosto, se não gostasse já tinha abalado. Pois se não gostasse já tinha abalado. Eu tive na segurança muito tempo. Tive nas piscinas antes de entra cá para a câmara. Tive no aeroporto da portela em Lisboa, trabalhei no campo, na agricultura com 14 anos ou 15. Eu quero-me é reformar.

**Entrevistador** – Então o principal motivo pelo qual concorreu para aqui foi por causa de ser função pública e…

**Funcionário** – Pois foi por causa disso, pois e isto começou está mau e eu pensei se tenho oportunidade de me ir juntar ali vou mas é estacionar que a minha idade não é para andar a pular já de um sitio para outro, a idade também conta, são 54 anos, não são trinta nem vinte, pois a gente tem de ver as situações

**Entrevistador** – E relativamente às condições de trabalho?

**Funcionário** – Epa condições de trabalho mais ou menos eles, lá um dia não têm umas botas ou um dia não têm um par de calças mas depois temos de esperara mais oito ou quinze dias mas pronto a câmara com o que eles têm vão empregando no fato, nas calças, nas botas e vão comprando, vão sempre comprando. Não havia botas e agora já lá há.

**Entrevistador** – Agora mais uma coisa, mesmo por minha curiosidade, o senhor trabalha na recolha do lixo, sabe que as condições não são… com cheiros, com porcaria. Como é que o senhor consegue, consegue pronto já me disse que o dinheiro, mas habitua-se, como é que é?

**Funcionário** – Eu, a gente quando passa pelas coisas fica assim um bocado a tremer não é? Sem saber diz, epa vou para ali, não sei se aguento o cheiro ou se não. Mas temos que ir experimentar. Eu chegando ali oito dias ou 15 dias epa dizia assim eu já não aguento isto, tenho que me ir embora. Epa e disse vais-te embora olha que isto está mal em todo o lado, tens que te aguentar até que chegou até certo ponto parece que trazia sempre o cheiro comigo. Agora já não loto nada. Custa-me mais ir despejar o carro à estrumeira do que andar aí a apanhar o lixo aí nos contentores. Custa-me já mais chegar ali à estrumeira do que ir atrás do carro e o cheiro, parece mentira, a gente habitua-se

**Entrevistador** – e o facto, o senhor não é o motorista, é o que fica cá atrás?

**Funcionário** – sim fico atrás…

**Entrevistador** – e estarem sempre ali agarrados

**Funcionário** – Epa um gajo tem de ter cuidado

**Entrevistador** – Nunca teve um acidente de trabalho?

**Funcionário** – Não. Tem que ter cuidado, tem que pronto o motorista também não pode andar com muita velocidade, tá ali um contentor, ali tá outro, tem de andar ali por volta dos 20/30km por hora, mas às vezes para a volta ser mais coiso dá-se um bocadinho mais no acelerador, temos lá os coisos para nos segurarmos não é, a gente tem tb de ter qualidade lá atrás

**Entrevistador** – Mas não é cansativo estar ali a noite toda agarrados aquilo?

**Funcionário** – Não aquilo é um bocadinho.

**Entrevistador** – São quantas horas?

**Funcionário** – São quatro horas, quatro horas e meia

**Entrevistador** – É que é à cidade toda não é?

**Funcionário** – Mas isto está dividido em por áreas. São cinco ou seis carros que andam de noite e de dia. Mas pronto a área, sobem aqui, ao fim de dois três minutos tão já noutro lado, tão sempre a subir e a descer. O carro não pode andar com muita velocidade porque os contentores são perto uns dos outros. Cada carro do lixo, durante o dia, carrega 8000/9000kg por dia, cada carro.

**Entrevistador** – É uma profissão que devia ter demasiado valor porque se vocês não existissem como é que estaria o país ou o mundo…

**Funcionário** – Ah pois se faltar aí oito dias ou quinze ou basta uma greve de dois dias só, vê-se logo aí lixo por todo o lado. Eu acho bem haver greves mas a gente se num dia carrega 100 toneladas ou 50 toneladas no outro dia carrega-se 200 porque é o lixo de dois dias que está acumulado, mais tempo leva.

**Entrevistador** – Então o senhor não costuma fazer greves?

**Funcionário** – Não, faço, ainda não falhei nenhuma mas depois temos que fazer o trabalho de dois dias. Em vez de acabar às 11 horas vou acabar à uma da manha e é sempre a acelerar.

**Entrevistador** – Então vocês, na carrinha que apanha o lixo são três não é?

**Funcionário** – São dois a trás e um à frente…

**Entrevistador** – Então é muito complicado se faltar pelo menos um

**Funcionário** – Não pode ir, o carro não pode ir

**Entrevistador** – E isso já aconteceu algumas vezes?

**Funcionário** – Já aconteceu, comigo não, já aconteceu estarem lá uma hora à espera para chamarem eu para ir para o lugar desse. Que é o tal caso, em vez de se acaba às oito horas, já se vai acabar às nove ou às dez. Naquela hora que falta aquele chamam outro, essa hora está perdida.

**Entrevistador** – e isso não gera conflitos, entre vocês?

**Funcionário** – Epa não gera porque no outro dia é que o chefe vai dizer ao outro, então como é que é? Faltaste hoje, pa semana não te dou trabalho. Isso é matemático. Eles muitas vezes já têm um ou dois a mais por causa de faltarem.

**Entrevistador** – Mas vocês são pouco não são, nesta função?

**Funcionário** – Ao todo somos, ainda é muita gente. Somos à volta de, do lixo, dos carros, são à volta de 30 pessoas ou 40.

**Entrevistador** – E quantos carros é que são?

**Funcionário** – Os carros, duas…quatro…seis… são aí doze carros, para três pessoas… se faltar um ou dois cada noite, se for somado, gera logo confusão e depois têm que chamar outro, é que um homem sozinho não é capaz de puxar um contentor. E rodar e puxa-lo para os braços, não, não dá, têm de ser duas pessoas, de qualquer maneira têm sempre de ser duas pessoas para puxar o contentor, uma não dá, o chauffer não sai

**Entrevistador** – Essas pessoas quando sabem que vão faltar é normal avisarem que não vão aparecer ou não o fazem?

**Funcionário** – Muitas vezes não dizem nada a ninguém. Eu conheço um que já não quer fazer sábados e chegou lá ao pé do chefe e disse assim Sábado para mim acabaram-se. Pronto é melhor dizer isso do que tarem a dizer amanha vou e depois não aparece

**Entrevistador** – Mas vocês ganham mais por trabalhar num sábado não é?

**Funcionário** – Pois. Mas pronto esses são os tais que estão na casa dos papás e ganham para eles e o dinheiro chega-lhes e se calhar o pai ainda tem que lhe dar algum

**Entrevistador** – Então vocês têm muita gente nova?

**Funcionário** – Temos meia dúzia deles

**Entrevistador** – Então do que pode analisar normalmente são as pessoas mais novas que faltam ou são as pessoas mais velhas?

**Funcionário** – Epa é os mais novos. Os mais novos metem-se na discoteca e depois muitas vezes

**Entrevistador** – Acha que é por falta de maturidade e de responsabilidade?

**Funcionário** – Pois, isso tem de ser. Isso tem de ser mesmo, os pais pronto, anda lá tem 40 anos já não é muito novo, não tem mentalidade, pronto eles é que sabem da vida deles e a gente não tem nada a ver com a vida de cada um, mas esse conheço eu, falha quando lhe dá na cabeça e não aparece e como estão na casa dos pais, ganham para eles estão-se borrifando, eu não tou lá mas eles arranjam outro.

**Entrevistador** – E essa pessoa está efectiva?

**Funcionário** – Pois e tão efectivos. Está la um, entrou na mesma altura que eu e se tiver dois anos de trabalho é muito, eu não sei como é que aquele gajo conseguiu ter as baixas de anos para anos, e agora foram o da junta médica mandaram-no vir, agora aí há uns meses que tem trabalhado mais ou menos certinho. Mas assim quando ele recebe, um dia ou dois não aparece. Mas sabe-se que as pessoas que fazem isso não vão dizer, isso é matemático, não é cá coiso. Eles não vão dizer eu só vou trabalhar quando eu quero, não me obrigam

**Entrevistador** – Mas acha que essas pessoas faltam também por causa das condições de trabalho?

**Funcionário** – Não, não. Não lhes apetecem e não vão. Não é pelas condições. Mas estes castigam-se é a eles próprios isto como isto está se os quiserem por na rua por faltas injustificadas metem-nos

**Entrevistador** – Mas se calhar eles têm as baixas médicas

**Funcionário** – Pois é essas, é essas. Muitos deles recorrem às baixas e eles já não podem fazer nada. Os médicos também passam baixas assim de qualquer maneira, porque é gente conhecida outros às vezes são parentes ou porque já cá vens outra vez? Toma lá mais baixas toca a andar , vai-te embora, tou farto de te ver aqui. Tão não é, mas é verdade. Os gajos começam a ver sempre os mesmos epa este gajo marca aqui a porta, é verdade

**Entrevistador** – E como é que é a sua relação cm os colegas?

**Funcionário** – Eu dou-me bem com eles todos

**Entrevistador** – Nunca teve conflitos no trabalho?

**Funcionário** – Não quero cá conflitos com ninguém. Agora por causa disso, um moço veio de Montemor, trabalha cá com a gente, de Montemor, veio para cá, parece que bateu çlá no presidente, ele e um bocado assim aéreo, veio para cá, depois abalou para Montemor outra vez, e agora está cá. Anda sempre de telemóvel, todo o dia, todo o dia, todo o dia a ouvir o telemóvel, a ligar para a mulher, é a mulher para ele, é todo o dia, todo o dia, aquilo parece um delírio, ele chama-se Jorge, e eu ò Jorge vamos que temos de dar a voltinha por ali e tal e um dia deu-lhe na cabeça e abalou, vejo o carro, onde é que ele abalou, foi na cruz da picada e viro-me pa outro moço, então ele abalou para aonde, andava aí a apanhar o lixo para dentro do carro. Agora não o vejo, abalou, foi pa casa de banho, disse que tinha ido pa casa de banho e depois quando chegou, aí um quarto de hora, vinte minutos, quando ele chegou viro-me então Jorge abalas, deixas aí o carro e não dizes nada a ninguém, como é que é? Ehh mas eu disse ali ao Hugo. Ma não é o Hugo que manda eu é que ando aqui a dirigir o trabalho, tinhas que ter chegado ao pé de mim e olha Sarmento vou ali à casa-de-banho e eu tinha mandado outro para o carro, não era deixares o carro, deixares a vassoura e foste-te embora. E ele ai tenho que ir telefonar ao presidente da câmara e eu, queres-lhe ligar já, telefona-lhe já, telefonas ao Cordeiro e dizes ao Cordeiro para te vir ver. O outro, o outro chefe já me tinha dito epa aquele gajo anda cá a desorientar-me a cabeça e eu tenho que o mandar ai para um lado sozinho e não sei o que. Mandou-o, mandou-o pa duma colega nossa, foram para o bairro de Almeirim, ele logo de manha com o telemóvel, pos-se parado, a outra a cortar, a moça andava com uma moto serra a cortar a erva e ele parado, ela diz que ele teve aí meia hora e telefona ao Cordeiro e ele foi lá ao serviço onde ela tava a cortar e ela disse-lhe olha lá onde ele tá, tá além ao telemóvel e desde que chegámos aqui ainda não fez nada e o Cordeiro chegou ao pé dele e disse tão ao Jorge como é que é. Agora anda aí com outro senhor ao pé do pingo doce e o outro disse que não ia andar a dizer nada para ele não andar a discutir comigo nem eu com ele. Deixa-lo lá andar à vontade.

**Entrevistador** – o chato é que não faz nada e recebe o mesmo ao final do mês, não é, que vocês e vocês andam a esforçar-se

**Funcionário** – ai é que ta e depois as pessoas vêem, mesmo as pessoas notam a passar na rua notam diz assim então mas como e que é este gajo ta parado e os outros andam a trabalhar e ele ta parado ao telemóvel é que anda quase todo o dia todo dia todo dia é desde que sai de casa, chega ao trabalho já ta com o telemóvel na mão, agora usa os walkietalkie e anda todo o dia todo o dia a falar e mais a mulher se calhar em casa não fala nada, devem fazer tudo nesse dia.

**Entrevistador –** É novinho?

**Funcionário –** Não mas ele tem tem…não bate bem da bola, não bate e ela também não porque se fosse outra pessoa dizia assim andas a trabalhar ouve lá a gente ca a tarde, se chegar as 4 horas a casa não tem tempo de falar com a mulher.

**Entrevistador –** se calhar não era a mulher

**Funcionário –** é é ela passa todo o dia a ouvi-lo, andavam la duas mulherezitas com ele e a mulher ouviu ele a falar com outras mulheres ciumenta com ele uma coisa daquelas ciumenta com o marido dele andar a falar com as mulheres ta a perceber? Mas aquilo é bom uma doença mental que ele tem, ele e ela também são os dois tem que ser os dois porque todo dia a falar no telemóvel são os dois tem que ser tarados, eles uma semana uma semanada destas ai a tempo pediu-me dinheiro andou uma semana ele tem um moche ou o que é, e então tem uma semana que aquilo era para ser carregado e ele não tinha dinheiro para carregar, e eu pensei deixa-te andar ai uma semana sem telemóvel para coiso, pediu-me dinheiro eu tinha dinheiro ate para lhe emprestar mas dizem assim esta semana não te empresto, na outra semana pediu-me queria cinco euros para carregar o telemóvel, e eu não tenho aqui cinco mas tenho dez toma lá dez euros, depois ao meio dia já andava com ele a tocar e eu disse ainda a pouco te dei o dinheiro já o foste carregar já ai tas coiso, ouve ele é mesmo vicio enorme ah isto é autentico ah autentico todo dia todo todo todo dia de manha a noite ate que sai do trabalho.

**Entrevistador –** então e fora esse colega que teve esse pequeno conflito de ele não trabalhar e tar sempre ao telefone não teve com mais ninguém mas nenhum trabalhador

**Funcionário –** Não

**Entrevistador –** da-se bem com todo a gente?

**Funcionário –** não eu dou-me bem com ele a gente fala-se a mesma mas foi só isso, ele agora já não me acompanha anda com outro senhor, mas bom dia boa tarde não há conflitos nenhuns ele também percebe-se o engenheiro sabe como ele é o engenheiro cordeiro sabe com ele é e os nossos colegas dos encarregados sabem como ele é só que n fazem caso dele não é tem que o deixar andar a vontade.

**Entrevistador –** e em relação ao chefes também se da bem com eles?

**Funcionário –** todos todos dou-me bem com eles todos

**Entrevistador –**  nunca falharam? Se tivesse alguma coisa sabe que pode contar com eles?

**Funcionário –**Não, sim sim, isso isso não há problema são impecáveis não tenho problemas com nenhuns com ninguém la do trabalho e essa chatice com ele nunca la foi fazer queixas ao engenheiro cordeiro nunca la foi fazer queixas a ninguém deixava-o andar a vontade tive só aquele bocadinho de ele ter deixado assim o carro e disse-lhe tão como é que é mais nada de resto falamos bom dia boa tarde tão as conversas ditas não tenho nada a dizer dele, nem são os encarregados maiores para verem eles ganham mais que eu eles é que tem que ver não sou eu não vou fazer queixas a um colega meu por causa disto ou daquilo eles é que, disse ao Zé vai la ver para não dizerem que é mentira passas onde vires a gente nem é preciso chegares la perto da gente entras e vês que eles também não são parvos nenhuns né? A pessoa leva um caminho diz assim não sempre é verdade o que o rapaz diz de resto não bom dia boa tarde falamos bem a mesma não tenho conflitos com ele nada falamos bem a mesma .

**Entrevistador –** e agora não sei se também tem noção de quando teve a contrato a tempo certo antes de entrar para os quadros costumava dar mais faltas nessa altura ou agora?

**Funcionário –** não não nunca que é isso nunca faltei ao trabalho.

**Entrevistador –** só por doença?

**Funcionário –**sim sim tive um mês de baixa foi só esse mês tive essas dores mais nada não me lembro.

**Entrevistador –**Gosta mesmo do que faz não é?

Funcionário –pois

**Entrevistador –** e se pode-se trocar de trabalho aqui mesmo dentro?

**Funcionário –** não se pode-se trocar epá sistema de coiso já tou habituado aquilo que faço não me faz diferença nenhuma trabalhar la diferença nenhuma.

**Entrevistador –** estar aqui dentro trabalhar numa secretaria ou recolher o lixo preferia o qual? Preferia estar onde tá?

**Funcionário –** epa não, eu fiz de telefonista também ca dentro da câmara ainda não era por conta da câmara era por conta da empresa privada de uma segurança antes de entrar ca para a higiene tive pique ali além onde é o coiso la em baixo onde era a instalação de electricidade ali na universidade em baixo, aquilo e da EDP e da câmara aquele edifício novo que eles fizerem ali a rotunda onde ta aquele repuxo de água, isso aquilo la era da câmara era o pique serviço municipalizado que era junto da EDP era a câmara e EDP e eu tive la em guarda por conta de uma empresa privada fiz la telefonista, olha ai foi outra essa quando eu para la foi tinha três telefones ali com a quarta classe ah e pronto um gajo vê três telefones a tocar ao mesmo tempo e depois epa eu fiquei ali um mês o primeiro mês e disse eu n ao tenho cabeça para tar aqui depois queria atender todo ao mesmo tempo, e depois o rapaz liga-me la ao engenheiro tal a gente temos la uma ficha com o números todos para a câmara para os serviços de agua e para esses sítios todos e o moço que la tava, a gente éramos três era um moço de Mourão, um de Pavia e era eu tive aqui três anos fiz ali telefonista epa e quando via aquilo tocar para ali para aqui quando havia uma rotura as tantas da noite duas três da manha tinha que ligar para o sector das aguas para ir cortar se estava lá o repuxo a deitar agua enorme ai fora numa rua ou uma coisa qualquer tinha que comunicar ao piquete para ir cortar a agua para a água não naquele sitio não se mandar toda para fora então ouve uma vez uma rotura grande numa conduta as seis horas da tarde as pessoas a saírem do trabalho chegarem a casa e não terem água, aquelas duas horas eu não dava conta eu já sabia o que as pessoas se queixavam havia aquela rotura eu dizia olhe minha senhora tem que ter paciência mas ouve uma rotura muito grande e não sei quando é que vai haver água mas sei que os canalizadores já tão a trabalhar, tocavam um dom lado e outro doutro lado queria o meu colega dizia assim Sarmento tem cuidado atende um de cada vez falas primeiro com um e depois com outro e pronto depois ao fim do mês tou a andar eu já brincava com aquilo mas atao primeiro e uma pessoa com as quarta classe tas a ver uma pessoa com a quarta classe sem ter pegado em telefones a trabalhar no campo sem pegar nos telefones. Tive ali três anos não foram três dias e depois ainda foi para Setúbal, mas em Setúbal eles não me quiseram dar mais dinheiro vim-me embora. Eles gostavam bastante de mim mas vim-me embora de Palmela.

**Entrevistador –** Sr. Sarmento no local onde trabalha acha que faltam mais ou homens ou as mulheres?

**Funcionário –** epa as mulheres também faltam muito la meia dúzia delas andam assim também como la os homens é quase ela por ela aqui e mais ou menos.

**Entrevistador –** E faltam pelos mesmos motivos ou existe coisas que distingue?

**Funcionário –**epa é as tais baixas, agora ta uma que era para vir hoje, pronto tem uma criança pequena e tem tido a criança doente e pronto agora a mais de um mês ou mês e meio que ela não aparece ao serviço, pronto tem uma criança pequena e tem de tomar conta dela todo certo a gente não sabe mas ela também falha muito não é? Quando não lhe apetecem não vêem, o que sucede aos homens sucede as mulheres é igual há aquelas que faltam mais e aquelas que faltam menos.

**Entrevistador –** Mas as mulheres faltam mais devido a responsabilidades familiares do que os homens?

**Funcionário –** pois pois, as mulheres é mais por causa de responsabilidade de crianças e algumas dos maridos por exemplo esta mulherzita que abalou a ultima que abalou daqui era quase sempre por causa do marido ou baixa ou uma coisa assim ou pior e la tem que tirar uns dias ou dias de ferias, tas a perceber? Mas isso a gente sabe que o mal carrega a todos né? A gente sabe que isso é assim.

**Entrevistador –** Então assim a percentagem do trabalhadores que faltam por não gostarem do que fazem é maior ou é mais por motivos doenças ou responsabilidades…

**Funcionário –** As mulheres é mais por motivos se calhar de doenças.

**Entrevistador** – E os homens?

**Funcionário –** Os homens é mais porque não querem trabalhar alguns deles pois, é a tal coisa alguns enfrascam-se sábado e domingo e depois não aparecem a cabeça depois anda a roda.

**Entrevistador –** Então e o facto por exemplo para vocês deve ser complicado quando chega o Inverno e a chuva e terem que ir trabalhar.

**Funcionário –** Epa então temos os fatos de oleados sempre serve para andarmos agasalhados e botas de borracha, antigamente como é que as pessoas se governavam não tinham que andar a chuva a apanhar azeitona agora nem se apanha já azeitona já viste como é que é? A gente se ta a chover muito veste o fato de oleado ou encosta-se um bocadinho e vê-se se deixa de chover um bocadinho mais.

**Entrevistador –** Acha que isso intervêm na assiduidade na presença do trabalhador no local de trabalho ou ausência?

**Funcionário –** A pessoa pelo menos tem que tar ao pé do trabalho antigamente era assim, ate se ouviu dizer sempre ao pé do trabalho é que se espera o tempo.

**Entrevistador** – onde o senhor trabalha acha que faltam mais quando estão grandes temporais? Ou também quando ta muito calor?

**Funcionário –** epa é capaz, aqui mais ou menos as pessoas que falham são sempre as mesmas, seja de Inverno ou seja de Verão isso não tem coiso as pessoas falham tão faz de Inverno como Verão, não tem la coiso do tempo, o tempo se esta sol traz-se menos uma camisa traz-se uma t-shirt, se ta frio traz-se um pulôverzito por cimo ou uma coisa assim.

**Entrevistador –** na época de ferias não e mais complicado para vocês porque a muita gente que na época do verão que vai de ferias

**Funcionário –** No tempo das ferias muitas vezes não há pessoal que chegue tem que alguns ser alteradas outros porque amanha falha um tem que se la estar se não houver alguém para tapar essa pessoa tem de ir alguém não é, ou então os mais sacrificados como eu e outros lá têm de ser chamados, ou temos que alterar as nossas férias, porque eles ali sabem o pessoal que mais ou menos… não podem tirar férias na mesma altura, se não ficava por aí o trabalho para fazer. Tanto que eles nos carros sabem que nesta altura são precisos dez ou vinte pessoas, têm que fazer contas pa depois epá não podes tirar nesta altura porque já esão aqui dez para tirar, tu tens de tirar um mês mais tarde por causa de, para quando eles vierem taparem o teu lugar. Assim não podia ser, Se quisessem sair todos ao mesmo tempo assim tinham que pagar aí horas e pessoal até dizer chega. Eles agora querem que a gente faça mais de cem horas, ainda é mais essa. Eu já tenho lá as minhas cem, já lhes disse a eles

**Entrevistador –** Você agora já tem as cem, mas se precisarem mesmo de você vão ter de lhe pagar.

**Funcionário –** Tem que me pagar com certeza, tem que me pagar, mas não sei se me vão pagar dentre deste ano ou se para o ano. Aí é que está.

**Entrevistador –** Mas é cem horas por quê?

**Funcionário –** Por ano. Eu este mês fiz 40horas, tenho 40 horas feitas este mês. As minhas horas estes mês as minhas cem horas, vão precisar de mim.

**Entrevistador –** Então como é que você vai reagir?

Funcionário – Vou reagir , eu agora o mês que entrar vou faze-las, as que mandarem vir vou faze-las. Depois no final do mês logo vê. Se não mas pagarem têm que dizer alguma coisa. Então mas trabalhei mas não mas pagam. Deixa lá ver agora quando fizer as cem horas que eles queiram eu venha trabalhar e depois que ando um mês a trabalhar, e depois de um mês a trabalhar e que tenha la as horas e não me as pagarem e não me queiram dar tempo então é que eu falo mesmo com ele, chego ao pé do engenheiro e digo eu tempo de mais tenho eu, entro as 8 e saiu as 4 da tarde, no tempo do Verão se quiser fazer 8 de dia, tenho outro dia pela frente ate as 9 horas da noite são mais 5 horas de trabalho, eu não preciso de tempo eu preciso é do dinheiro então se eu venho trabalhar é porque? A gente se trabalha é porque? Porque precisa do dinheiro. A gente não precisa dos dias, eu quando chegar isso estou a fazer o acerto quando chegar a essa altura e acabar o mês e que eles não me paguem as horas tenho que falar logo com o Cordeiro ou com o engenheiro, se não é para me pagarem horas e darem-me tempo olhe para o mês que vêem, vem outro para o meu lugar que eu não faço mais horas. A gente não precisa do tempo, tempo de mais tem a gente

**Entrevistador** – tem direito a 15 dias de férias não é?

**Funcionário –** 15 dias não, eu tenho direito a 28 dias úteis, antes era 22 dias. Eu parece-me que era 22 dias e agora passou a 24 dias úteis sábado e domingo não se conta feriados também não se conta. Quando fizer 28 horas de serviços extra tenho um dia de folga, olhe eu tenho lá um para este mês dia 23 deste mês. As horas extra e o sábado eu trabalho mais é ao sábado.

**Entrevistador –** Ao domingo a recolha? Há na mesma não?

**Funcionário –** Não, não só ao sábado a noite, e segunda-feira de manha as 6 da manha, se trabalhar-mos 4 sábados temos direito a uma folga. Se eles fizerem assim não pagarem em dinheiro as horas e derem tempo deixam de ter pessoal para fazer o trabalho.

**Entrevistador –** Outra questão tem a haver com as idas a casa de banho para vocês e complicado porque não tem um sitio como aqui não é?

**Funcionário –** Epa a gente tem que se deslocar a um café….

**Entrevistador –** E para as mulheres ainda e pior não é?

**Funcionário –** Pois então mas isso tem de ser assim as pessoas pronto ta apertado tem de ir a casa de banho, vai a casa de banho tem que beber um cafezito ou alguma coisa tem que se gastar, olha lá já viste o que é uma pessoa ir a casa de banho e as pessoas e o dono do café vê lá entrar a pessoa depois vêem de lá e vai-se embora depois diz assim então este veio aqui fazer o que só deixar o lixo, não bebe uma bebida uma garrafa de água ou um cafezito uma coisa pronto…. Parece bem as pessoas vem lá entrar e depois sair então este veio só aqui a casa de banho.

**Entrevistador –** é complicada para vocês se forem duas três vezes a casa de banho é complicado as condições de quem trabalha aqui dentro de um edifício para vocês. No Inverno tem de apanhar frio e chuva no verão calor e nem casa de banho tem…

Funcionário – É muito diferente…. Mas tem que se trabalhar assim

**Entrevistador** – Isso se calhar deixa-o um bocado descontente, visto que a pessoas que se calhar fazem menos do que você faz e todas as condições e mais algumas e ganham o mesmo ou ate mais.

**Funcionário –** Pois, pois ate mais… ganham mais e estão arrecadados não andam a chuva ao frio, vento é muito diferente do nosso trabalho não se compara isto aqui com a gente andar ai fora, não tem comparações nem se pode comparar isso, os nossos companheiros dos escritórios lá de baixo tem coiso né, quanto mais aqui dentro da câmara…. Não tem comparação…. Trabalho de fora é outra coisa tem que se trabalhar tem que se fazer aquilo que se pode.

**Entrevistador –** É que hoje em dia e isto é verdade aqueles trabalhos em que se faz mais é onde se ganha menos.

**Funcionário –** Mas isso sempre foi assim, mas isso sempre foi assim não é estranho, sempre foi assim. A gente sabe que o presidente não pode ganhar o mesmo que um trabalhador as diferenças devia ser um bocadinho menos.